



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

ÁLCOOL E ALCOOLISMO: ASPECTOS HISTÓRICOS

Luci Mara Bertoni*
(UESB)

RESUMO

A abordagem de aspectos históricos do álcool e do alcoolismo é objetivo deste artigo que traz no bojo de suas discussões as questões de conceitos e de preconceitos que estão presentes nas relações sociais desde os tempos mais remotos da humanidade no tocante ao uso de bebidas com algum teor alcoólico.

PALAVRAS-CHAVE: Álcool; Alcoolismo; História.

INTRODUÇÃO

O alcoolismo é um tema polêmico, que instiga a busca de conhecimento sobre o assunto, mas ao mesmo tempo, existem poucos dados sobre sua história. Neste sentido, foi grande o desafio de reunir fontes históricas que foram garimpadas minuciosamente em vários autores que serão aqui apresentados.

Quando o assunto é alcoolismo, parece haver uma grande confusão e uma série de mal entendidos. Cada aspecto tende a ser distorcido por um mito ou por concepções equivocadas. Alguns autores como Milan e Ketcham (1986, p. 20) acreditam que as raízes desses mitos remontam a um código de comportamento ético datado da época do filósofo Sêneca que afirmava ser a embriaguez “uma condição de

* Professora Adjunta do DFCH/UESB e coordenadora do grupo “Museu Pedagógico: estudos e pesquisas sobre drogas e álcool”. E-mail: lumabertoni@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

insanidade assumida propositadamente”. Para os autores, este ainda pode ser um conceito [ou um pré-conceito] que “molda a opinião pública”.

De acordo com LAPATE (2001, p. 102), acredita-se que os homens primitivos⁶⁴ e os animais em geral, faziam uso de frutas fermentadas. Aliás, a observação foi um dos meios encontrados por nossos ancestrais para a descoberta de muitas das facilidades de nossa vida cotidiana. Neste caso específico, ao observar os animais que faziam uso de frutas fermentadas e tinham seu comportamento alterado, provavelmente, os homens começaram a fazer uso do suco de frutos fermentados que apresentavam algum teor alcoólico. Sabendo-se que para haver a fermentação, o processo simples envolve açúcar, água, fermento e calor. Dependendo das condições, frutos maduros ou que passassem pelo contato da saliva e ficassem expostos ao calor, poderiam transformar-se em uma bebida fermentada com baixo teor alcoólico.

Para explicar melhor o processo de fermentação, recorrerei aos autores Milan e Ketcham (1986, p. 27):

O álcool etílico, ou etanol (daqui por diante chamado simplesmente de álcool), é na realidade um excremento de levedura, um fungo com um apetite voraz por coisas doces. Quando a levedura encontra mel, frutas, frutinhas, cereais ou batatas, por exemplo, libera uma enzima que converte o açúcar nesses materiais em dióxido de carbono (CO₂) e álcool (CH₃CH₂OH). Este processo é conhecido como fermentação. A levedura continua a alimentar-se de açúcar até que, literalmente, morre de intoxicação alcoólica aguda – a verdadeira primeira vítima da “embriaguez”.

Os autores ainda apontam que o processo da fermentação natural cessa entre 13 a 14% da concentração de álcool, quando expira a levedura. Na cerveja, feita de

⁶⁴ Provavelmente, o autor refere-se aos homens do período neolítico (8000 a 5000 a.C.), pois há indícios nesta época de um maior desenvolvimento da agricultura de grãos, tais como: trigo, cevada e aveia. Confira Arruda (1995, p. 13)



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

cevada, milho, arroz ou outros cereais, o processo é cessado artificialmente entre 3 e 6%, no vinho de 10 a 14%, que é o limite de tolerância da levedura ao álcool (MILAN; KETCHAM, 1986).

Derivados do processo de fermentação, a cerveja e o vinho datam das primeiras bebidas alcoólicas de que se têm registro no Egito pré-dinástico, cerca de 3.400 a.C. Aliás, Fortes (1991, p. 1) afirma que “a cerveja, proveniente da cultura do arroz na Índia ou da cevada cultivada no velho Egito, foi, provavelmente, a primeira bebida alcoólica elaborada pelo homem em grande escala”.

As datas nem sempre são precisas por conta dos muitos mitos que permeiam a história das bebidas. Standage (2005) considera que a cerveja foi descoberta pelos homens em 10000 a.C., quando na coleta dos grãos perceberam que podiam armazená-los por mais tempo e mesmo que não servissem para serem comidos, podiam transformar-se em mingau ou papa, e também serviam como alternativa para a “purificação” da água, uma vez que esta nem sempre era confiável para o consumo. Ainda assim, os egípcios acreditavam que a cerveja fora acidentalmente descoberta por Osíris, o deus da agricultura e da vida após a morte.

Um dia ele [Osíris] preparou uma mistura de água e grão germinado, mas esqueceu-se dela e deixou-a ao sol. Retornou mais tarde e descobriu que o mingau tinha fermentado; decidiu bebê-lo e ficou tão satisfeito com o resultado que passou seu conhecimento para a humanidade. (STANDAGE, 2005, p. 22).

A partir daí, continua o autor supracitado, o consumo dos grãos em forma de pão e de cerveja passou a ser um hábito cada vez mais freqüente que os mesopotâmicos consideravam que isto os tornavam mais humanos e menos selvagens. Esta crença parece associar o consumo de cerveja a um estilo de vida que já era considerado de “civilização”, ou seja, da pessoa que “vive nas cidades”. Mas, ainda não há indícios de problemas com a embriaguez.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Provavelmente, por volta de 2200 a.C., a cerveja também apresentava efeitos terapêuticos, sendo recomendada como tônico para mulheres que estivessem amamentando. Anos mais tarde, há registros da proibição do consumo de cerveja, sendo esta considerada a “perdição da alma”. Sobre o uso medicinal das bebidas alcoólicas, Escohotado (2003, p. 19-20, tradução nossa) afirma que as cervejas e os vinhos “estão presentes em 15% dos tratamentos”, muito embora no antigo Egito houvesse uma reconhecida “farmacopéia sofisticada”.

A supremacia da cerveja – que constará também como riqueza e moeda de troca – sucumbirá com a exaltação do vinho. O *status* conferido àqueles que tomavam cerveja e eram considerados “mais humanos”, passará para os consumidores do vinho. Os primeiros serão considerados como “bárbaros”. Por precisar de cuidados mais específicos para armazenagem e transporte, o vinho torna-se mais caro que a cerveja, conferindo-lhe mais destaque e valor. Por volta de 3000 a.C., é possível afirmar que os ricos bebiam vinho e os pobres bebiam cerveja (STANDAGE, 2005, p.45). Interessante perceber que a distinção das pessoas pelo que consomem começa muito antes do que se imagina na história da humanidade.

Dentre muitas referências, provavelmente, antes de ser descoberto pelos romanos e, posteriormente, pelos gregos, o vinho deriva do ano 3000 a.C. do norte do Egito. Para os antigos egípcios, a bebida era fonte de prazer, não demonstrando sentimentos adversos ao abuso do álcool. No entanto, a difusão do hábito de beber começou a desagradar amplas camadas da população que passou a hostilizar os consumidores.

Ao mesmo tempo, foram-se reforçando tabus religiosos quanto ao consumo de alcoólicos: por exemplo, por ocasião da morte do faraó, os egípcios não bebiam e não realizavam festa durante 72 dias. Em conexão com essas atitudes, foram adotadas medidas governamentais, visando, com a elevação dos preços das bebidas



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

através de imposto, reduzir o consumo das mesmas. (FORTES, 1991, p.3-4).

Além das proibições descritas acima, a produção de bebidas, também, fica comprometida com a influência islâmica no Egito, a partir do ano 640. Antes disto, os deuses eram invocados para protegerem a produção e a preservação de alcoólicos, cervejas e vinhos, e mesmo eles entram em declínio em vista de uma nova cultura (FORTES, 1991, p.3).

O vinho, muitas vezes é referendado nas festas greco-romanas e no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada. No capítulo 9º do livro do Gênesis é relatada a história de Noé. De acordo com a versão bíblica, “Noé foi o primeiro agricultor. Plantou uma vinha e tomou o vinho dela e embriagou-se e encontrou-se nu no interior de sua tenda.” (BÍBLIA, 1996, p. 19).

Entre os gregos antigos, a comida, a bebida e o sexo são ressaltados com sua devida importância. Porém, satisfazer as necessidades e prazeres do corpo era visto como indício de sabedoria ou “temperança” aos que o conseguiam fazer com equilíbrio (FOUCAULT, 2003). Os gregos, também, utilizavam-se de uma bebida fermentada a partir do mel – o hidromel – conheceram o vinho por meio de Baco. Para a mitologia grega, Baco (Dionísio⁶⁵) foi fruto híbrido de um amor divino-humano que não foi aceito no Olimpo e precisou conquistar o direito à imortalidade por suas próprias forças (D’ONÓFRIO, 1990, p. 36).

As virtudes atribuídas ao vinho pelos gregos foram cantadas, dentre muitos outros por Homero e Eurípedes. Porém, seu consumo exagerado era condenado. Como afirma Fortes (1991, p. 4), “nunca alguém vira Sócrates embriagado”. E, continua o autor:

⁶⁵Dionísio é o deus do vinho para os romanos, a mesma figura de Baco para os gregos.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Platão, cinco séculos antes de Cristo, desaconselhava a ingestão do vinho pelos menores de 18 anos, mas admitia seu uso pelos adultos e o consumo exagerado pelos mais velhos. Curiosamente, essa proposição superpõe-se ao critério adotado pelos astecas, que puniam severamente a embriaguez dos jovens e permitiam-no aos velhos. Ele proibia também o consumo de vinho pelos juízes, pilotos de barco, soldados em combate, assim como relações sexuais entre casais embriagados, visando prevenir prejuízos aos eventuais frutos dessas concepções.

Para os gregos, o vinho e a cerveja sempre foram considerados bons para a saúde quando tomados em doses terapêuticas. Além destes, eles usavam outras drogas para fins cerimoniais e lúdicos, sendo o ópio a droga mais popular.

Este tranqüilo emprego de diversas drogas não significa que os gregos ignorem um “problema de toxicomania”, como dizemos hoje. O que os diferencia de nós é que a periculosidade social e individual das drogas se concentrou no vinho. Símbolo de Dionísio, um deus-planta que suspende as fronteiras da identidade pessoal e chama a periódicas orgias, o vinho rompeu na Grécia – usando as palavras de Nietzsche – como “um terrível estranho, capaz de reduzir a ruínas a casa que lhe oferecesse abrigo”. (ESCOHOTADO, 2003, p. 26, tradução nossa).

Os antigos romanos eram afetos ao álcool, havia somente uma proibição para as mulheres e os menores de 30 anos. Escotado (2003) relata casos em que mulheres foram mortas por terem sido flagradas bebendo ou simplesmente por se encontrarem no interior da adega.

Com o aumento do consumo de vinho pela população e a transformação das *bacanais*⁶⁶ em grandes festas populares, aumentam-se os impostos sobre a bebida, o que faz desta um comércio bastante lucrativo, sobretudo no início de sua exportação. Nesta época, Sêneca já aponta, para o problema da intolerância da ingestão de vinho

⁶⁶As bacanais eram grandes festas realizadas para homenagear Baco, o deus do vinho.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

por uns, e outros que bebiam excessivamente, sem se embriagar (FORTES, 1991, p. 5). Há descrições, também, de pessoas que começavam a beber e não conseguiam parar, causando danos pessoais e as mais diversas conseqüências sociais. Um dos fatores para o aumento do consumo das bebidas alcoólicas foi o crescimento dos diferentes segmentos sociais, o consumo entre militares e estudantes, e de mulheres de segmentos sociais mais favorecidos. A prescrição médica de vinho e de cerveja, também, contribuiu para o aumento de seu consumo.

Ainda no mundo romano, os cristãos são perseguidos por usarem vinho em suas cerimônias, por ser esta substância causadora de um “relaxamento induzido”. Este “relaxamento” era aceitável pelos pagãos como um dos dons dionisíacos, admitido também no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada, mas Paulo de Tarso – ao converter-se ao cristianismo – acaba com todo estímulo a “condutas relaxantes”. Com isto, há o estímulo para a criação de seitas totalmente abstêmias, para as quais, beber é pecado mortal. Para eles, a videira foi criada pelo demônio.

A abstinência não se constitui algo novo para a época, pois entre os islâmicos e também entre os judeus já havia alguns destes hábitos. Porém, em toda regra há sua exceção, aos reis faraós e pessoas de mais destaque como padres e religiosos, era permitido beber com o cuidado de não se embriagarem, mas estes sempre se embriagavam por ocasião das festas ou oferendas aos deuses (FORTES, 1991, p. 3). Em período de luto, afirma Fortes, somente os padres se embriagavam. Interessante notar que, quando começa a evangelização dos germanos, proíbe-se o consumo da cerveja e não do vinho. Talvez pelo fato deste fazer parte das celebrações da Igreja Católica. Embora o vinho, no rito eucarístico, fosse bebido somente pelo sacerdote.

Mesmo com fins terapêuticos, o uso de bebidas alcoólicas ou de outras substâncias podia ser considerado sinônimo de heresia. Não é difícil inferir que esta regra vale para leigos e não para clérigos. Para o clero, as indulgências que eram vendidas para os devotos, seguidas de santos óleos, água e velas benditas, eram muito



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

mais eficazes que qualquer tipo de droga. Contrapondo-se a isso, os conventos eram os maiores produtores de vinho e os clérigos os únicos que podiam consumir sem cair em pecado. Isto permaneceu e serviu de justificativa, inclusive, para a perseguição das bruxas na Idade Média. As bruxas, na verdade, eram possuidoras do saber medicamentoso que muito ajudou na descoberta de fármacos⁶⁷ eficazes para a cura de diversas doenças.

Alguns consideram que a bruxa medieval – cozinhando crianças para retirar sua gordura, desejando somente o infame – foi uma invenção dos inquisidores, no que ao final acabaram acreditando quase todos. Outros pensam que foram seres raros, propensos a buscar paraísos artificiais nas plantas. Há também quem as tomam por representantes da velha religião do oeste europeu, basicamente celta (ESCOHOTADO, 2003, p. 49, tradução nossa).

A Igreja intervém com a perseguição dos inquisidores a farmacêuticos, alquimistas e bruxos. Estes são considerados “traidores da vontade de Deus” e que realizam seus feitos com a ajuda do diabo. Portanto, para conseguir o perdão de seus pecados, qualquer pessoa sem apoios eclesiásticos, poderia ser processada, torturada e queimada. A tortura servia para expiar sua culpa, quanto mais sofresse neste mundo, apagaria seu sofrimento após a morte. Especificamente sobre o alquimista assim declara o *Directorium Inquisitorum* – Manual dos Inquisidores:

[...] o inquisidor estará muito atento às condições de quem praticar a alquimia: será mais flexível com o alquimista rico do que com o alquimista pobre. O rico não correrá o risco de se arruinar praticando a alquimia e pode tranquilamente não chegar a invocar o diabo se fracassar: e o fracasso é certo. Não se poderia dizer o mesmo do alquimista pobre (EYMERICH, 1993, p. 135).

⁶⁷A palavra fármaco, vem do grego *phármakon* que significa, de acordo com Escotado (1998, p. 20), remédio e veneno. Assim registra o autor: “La frontera entre el perjuicio y el beneficio no existe en la droga, sino en su uso por parte del viviente”.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Com a perseguição da Igreja e o aumento da “caça às bruxas”, há um ressurgimento da medicina e os próprios eclesiásticos passam a consumir drogas psicoativas dispensadas por um médico árabe. Para Escohotado (2003, p. 60), isso explica o emprego de substâncias como o ópio e o cânhamo por médicos de reis e nobres desde o final do século XI.

Mais tarde, com o desenvolvimento das indústrias, o álcool começa a ser produzido em grande escala, resultando na redução de preços ao consumidor, o que provocou um estímulo de seu comércio.

Conforme descrito, inicialmente, as bebidas tinham conteúdo alcoólico relativamente baixo, como, por exemplo, o vinho e a cerveja, já que dependiam exclusivamente do processo de fermentação.

Com o advento do processo de destilação, introduzido na Europa pelos árabes⁶⁸ na Idade Média, surgiram novos tipos de bebidas alcoólicas, que passaram a ser utilizadas na sua forma destilada. Nesta época este tipo de bebida passou a ser considerado como um remédio para todas as doenças, pois “dissipavam as preocupações mais rapidamente do que o vinho e a cerveja, além de produzirem um alívio mais eficiente da dor”, surgindo então a palavra whisky (do gálico “usquebaugh”, que significa “água da vida”). (CEBRID, 2005).

A partir da Revolução Industrial, registrou-se um grande aumento na oferta de destilados. O maior consumo, conseqüentemente, gerou um aumento das pessoas que passaram a apresentar algum tipo de problema devido ao uso excessivo do álcool. Juntamente com estas considerações, podemos recorrer às idéias de Escohotado

⁶⁸Embora pareça contraditório, os árabes foram os descobridores do processo de destilação. Mesmo sendo um povo influenciado pelo islamismo e suas práticas abstêmias, é referendado a eles a descoberta de tal processo.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

(1995) que a difusão tão imediata das bebidas por conta das descobertas industriais, também, associa o beber a um ato cultural.

Sob diversas traduções, o álcool aparecerá na história como a “água da vida”, sendo considerado em vários povos com poder medicinal. Apenas por volta do século XV será substituído seu uso terapêutico pelo uso recreativo, tal foi a proporção que assumiu sua difusão com o desenvolvimento da tecnologia e de outras invenções, como a imprensa, por exemplo, que permitiu a divulgação da escrita de receitas etc.

No entanto, para muitas pessoas, o apelo da *aqua vitae* veio não pelos seus supostos benefícios médicos, mas por seu poder de embriagar rápida e facilmente. As bebidas destiladas mostraram-se particularmente populares nos climas mais frios do norte da Europa, onde o vinho era escasso e caro. Ao se destilar a cerveja, era possível pela primeira vez fazer bebidas alcoólicas poderosas com ingredientes locais. (STANDAGE, 2005, p. 82).

Assim o que, de início, está associado à cura de doenças ou a ritos cerimoniais, pode transformar-se no consumo abusivo de determinadas substâncias que causam dependência.

É fato que homens e mulheres reagem diferentemente à mesma quantidade de bebida. Embora não seja alvo específico desta pesquisa o alcoolismo feminino, Bauer (1982) assinala que é mais difícil detectar esse problema entre as mulheres porque muitas bebem em casa, às escondidas ou são “protegidas” por familiares. Na perspectiva destes, aponta a autora: “a mulher pode beber mas nunca embriagar-se”. Ainda hoje, o alcoolismo feminino sofre mais preconceitos que o alcoolismo entre os homens. Também, há de se considerar que o hábito de beber “socialmente”, pode tornar a pessoa tolerante à bebida e esta ter grandes chances de tornar-se um bebedor problema ou alcoolista, dependendo também de sua herança genética. Mas, na tentativa de resolver estes eventuais problemas de dependência ou uso abusivo



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

que incorrem em danos individuais ou sociais, uma das alternativas encontradas na história foi a proibição da venda de bebidas com teor alcoólico. Porém, do que se têm notícias, a proibição da venda e/ou do consumo de álcool não teve grandes resultados. Pelo contrário, na vigência da “Lei Seca” (década de 1930) nos Estados Unidos, o comércio clandestino foi mais estimulado e, de acordo com alguns autores, nunca se consumiu tanto na história daquele país. Esta não fora apenas uma medida preventiva ou de saúde pública, havia outros interesses que circundavam o favorecimento da vigência desta lei, sobretudo, o aumento de impostos e a grande influência do movimento protestante no país. É possível, também, de se verificar na história mundial, o surgimento de outros movimentos, envolvendo a disseminação e o consumo de outros tipos de drogas. Elas foram e têm sido utilizadas não só para mascararem este mundo por meio da ilusão, mas como uma finalidade sócio-política. A conquista da China, por exemplo, se fez com o ópio. Na guerra do Vietnã, a droga foi um recurso utilizado como regulador. A conquista da maior parte dos países subdesenvolvidos continua sendo feita com o álcool e a pobreza.

Nos anos 1960, às mudanças reivindicadas pelos jovens, principalmente nos países líderes do mundo como França e Estados Unidos, surge a arma da droga, como resposta alternativa de controle e anulação deste processo. O uso abusivo da droga não foi um fenômeno libertário juvenil espontâneo, como parte da busca de mudanças, mas um instrumento sutilmente induzido entre os jovens para *escravizá-los*.

Com a chegada das drogas às Universidades acabaram-se as rebeliões. Woodstock foi a mais importante experiência massiva que já se fez para provar o poder demolidor da droga como sedativo numa multidão de jovens. Este festival, tão excentricamente idealizado, no qual mais de 100 mil pessoas conviveram, escutando, dançando e cantando rock durante três dias, foi sustentado por um fornecimento permanente de drogas, especialmente a maconha, por



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

parte dos guardas encarregados pela segurança. Ao mesmo tempo, a maconha foi utilizada como instrumento político, no Chile, para aniquilar a juventude que apoiava Allende. (KALINA, 1999, p. 180).

Por outro lado, havia um outro tipo de reação por parte de uma juventude que buscava lutar ao lado daqueles que eram oprimidos. Seu engajamento na política e o desejo de libertação faziam os jovens buscar a identificação com o povo, procurando consumir o que eles consumiam, inclusive as drogas que eles tinham acesso, que no caso era a cachaça. Ou seja, o trabalhador pobre consumia cachaça e muitos estudantes envolvidos no chamado “movimento libertário” dos anos de 1970 foram trocando a maconha, a cocaína e o LSD pela aguardente. Aliás, estas drogas que despontaram nos anos de 1950 e tiveram seu consumo intensificado nos anos de 1960, tinham cunho mais apolítico do que imaginavam seus consumidores, e estavam relacionadas ao movimento *hippie*, cuja origem desponta nos Estados Unidos com lemas contra a guerra do Vietnã, ou seja, “Faça amor, não faça guerra”, “Paz e amor” etc.

Ao mesmo tempo, com a difusão da mídia televisiva, das propagandas e das novelas, começa a reprodução e a universalização de alguns comportamentos que se intensificaram com o tempo e com os mecanismos de “massificação” cada vez mais aprimorados na era globalizada. Para Kalina (1999), a utilização da droga vem sedar os jovens para que se adaptem a um mundo que pouco tem a lhes oferecer.

Embora tenha havido a difusão de outras drogas, na atualidade brasileira, o abuso do álcool é o abuso de drogas de maior relevância entre nós. Um índice alarmante é destacado por LAPATE (20001, p.133): “O Brasil é o maior produtor de destilados do mundo. É o quarto maior mercado mundial em produção de cerveja, perdendo apenas para EUA, China e Alemanha, com o agravante de destinar 90% da produção ao mercado interno”.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

O caminho percorrido até aqui mostrou como o álcool entra na história da humanidade e como seu uso/abuso será disseminado entre alguns povos. Mas é preciso entender um pouco melhor o que é o alcoolismo. Para tanto, de acordo com nosso momento histórico, parto do conceito definido pelo CEBRID (2005) que “o álcool é uma droga psicotrópica que atua diretamente no sistema nervoso central”. Mas, recorro a outros autores para dar um panorama mais abrangente desta conceituação. Uma das considerações é a da “vulnerabilidade genética”, principalmente de adolescentes e jovens. O alcoolismo, assim, é visualizado sob vários ângulos:

O primeiro, biológico, seria a hipótese da vulnerabilidade genética, ou seja, a dependência ao álcool seria geneticamente determinada e transmitida entre gerações. Vários estudos comprovam tal hipótese. Entretanto, maior vulnerabilidade não implica em determinação definitiva do comportamento. Outra teoria para explicar a maior vulnerabilidade dos filhos de alcoólatras e usuários de outras drogas é a do aprendizado social. De acordo com ela, a criança aprenderia a enfrentar situações difíceis na vida usando drogas por ter observado os adultos à sua volta agindo dessa forma. (SILVA; MATTOS, 2004, p. 42).

Em estudos mais remotos revistos por Bauer (1982), temos os modelos francês e anglo-saxão para explicar o alcoolismo. Nas palavras da autora:

Segundo um texto psiquiátrico francês, *Le Manuel de Psychiatrie* [Manual de Psiquiatria], existem dois tipos de alcoolismo, primário e secundário. O alcoolismo primário começa muito cedo e prende-se a uma personalidade já gravemente neurótica. Manifesta-se como hábito solitário, perda de controle e incapacidade de abster-se por períodos longos, a quantidade ingerida, porém, pode ser mínima. O alcoolismo secundário, por seu turno, caracteriza-se por uma dependência mais biológica, que só se instala alguns anos depois das primeiras experiências com a bebida. (BAUER, 1982, p. 40).



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Ao mencionar autores do modelo anglo-saxão [como Henderson e Gillespie, Kessel e Walton], Bauer considera:

À guisa de introdução, situam o álcool num contexto biológico-cultural, salientando que ele atua como depressor não apenas do estado de ânimo (quase sempre o primeiro a ser afetado), mas – o que é mais importante – da parte do cérebro que controla o comportamento socialmente adaptado. Como esse controle representa o “produto dos processos mentais superiores”, é o primeiro a sofrer danos. Sob a influência do álcool, portanto, a pessoa experimenta um alívio das pressões e inibições normais. Na cultura ocidental, isso pode significar uma potencialização dos impulsos agressivos ou sexuais, normalmente coibidos. O bebedor inveterado, por isso, muitas vezes bebe para expressar sua rebelião contra a sociedade. (BAUER, 1982, p. 43).

Por vezes, as pessoas ao se embriagarem aproveitam a oportunidade de relaxamento para revelarem traços latentes da personalidade que assumir publicamente poderia ser considerado “politicamente incorreto”.

Os autores citados por Bauer ressaltam outro fator que conduz a maiores tensões individuais e à desordem social que seria o impacto da perda de tradições e valores culturais.

Um estudo sobre alcoolismo entre os italianos da Itália e os italianos da América parece confirmar esse ponto. Descobriu-se que, na Itália, cerca de 60% dos homens e apenas 10% das mulheres bebiam em excesso, às vezes ou com frequência. Nos Estados Unidos, porém, os números subiam para 84% e 50%, respectivamente. Sem dúvida, o desarraigamento da segurança coletiva contribui para o alcoolismo – como para quase todos os problemas. (BAUER, 1982, p.44).

Este dado aponta para outro fator: o da discriminação. Embora o primeiro índice pareça alto, é bom lembrar que por questões da própria cultura, os europeus, no caso os italianos, têm o hábito de ingerir vinho em todas as refeições, portanto,



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

este dado não seria alarmante entendido dentro de sua própria cultura. O que chama a atenção neste fato é que este consumo aumenta devido às condições de não adequação aos hábitos de uma outra cultura, o que proporcionaria sentimentos de não-pertença, desencadeando um quadro maior de recorrência às bebidas alcoólicas a fim de amenizar esta inadequação. Assim, podemos inferir que os italianos da América estão fora de suas tradições e cultura, portanto, podem recorrer ao uso abusivo do álcool para amenizar a dor de estar longe do seu país e de seus costumes.

A diferenciação cultural, conforme foi considerado, acontece desde a descoberta de algumas bebidas.

As atitudes dos gregos e romanos para com o vinho, elas mesmas baseadas nas tradições anteriores do Oriente Próximo, também sobreviveram de muitas maneiras e espalharam-se por todo o mundo. Em quaisquer lugares onde se bebe álcool, o vinho é sempre visto como a mais civilizada e a mais culta das bebidas. Nesses países, o vinho, e não a cerveja, é servido em banquetes governamentais e reuniões políticas – um exemplo da duradoura associação do vinho com status, poder e riqueza. (STANDAGE, 2005, p. 73).

Tal diferenciação cultural por meio da bebida persiste até nossos dias. Enxergo mais problemática a situação brasileira pela história que nos acompanha. A representação que acompanha o alcoolista brasileiro é a do “negro, pobre, jogado na sarjeta”. De fato, indígenas e negros utilizavam-se de bebidas fermentadas, que possuem menor teor alcoólico. Porém, é bom lembrar que a técnica da destilação foi introduzida no Brasil pelos brancos portugueses (ALGRANTI, 2005, p. 78).

Discriminação velada ou exaltada, cantada em prosa e verso, como neste refrão de RUBENS DA MANGUEIRA (1998) referindo-se às diferenças sociais: “Todo rico quando morre foi porque Jesus levou. Todo pobre quando morre foi cachaça que matou”.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

Mais uma vez, ressalto que a cachaça oriunda da destilação da cana de açúcar é inventada após a cana ser trazida pelos portugueses, porém o abuso da bebida está relacionado diretamente aos escravos negros. Sendo assim, o consumo de drogas psicoativas começou a tomar proporções de diagnóstico e proibição porque estavam diretamente associadas ao consumo pelo aumento da população negra e miscigenada no país.

No Brasil, não havia, até o final do século XIX, preocupação direta do Estado e nem a existência de um debate sobre o controle do uso de alguma substância psicoativa. Pode-se apontar, é verdade, a proibição da maconha ainda no Primeiro Império, na década de 1830, como a primeira forma de controle legal sobre alguma droga no Brasil. No entanto, a bibliografia aponta para a importância, naquele momento, de um controle sobre as práticas tradicionais de um crescente contingente de população negra e miscigenada, escrava ou liberta, na capital do Império, do que o controle sobre o uso de drogas propriamente dito. [...] Entretanto, não era contra a planta que a corte parecia estar voltada, mas sim, contra a propagação de práticas específicas de classe e/ou raça que, de alguma maneira, eram vistas como perigosas [...] (FIORE, 2005, p. 263).

Ainda hoje, essa discriminação com relação às pessoas pobres continua a existir, um exemplo típico já foi citado acima. Mais do que isso por muito tempo o uso abusivo do álcool estava relacionado somente a essas pessoas. Continua Fiore (2005, p. 264), o problema do álcool “[...] era o consumo desregrado, imoral e degenerante que ocorria principalmente nas camadas mais baixas da população”. O alcoolismo estava, e para muitos, está relacionado a defeitos morais, individuais, sociais ou raciais.

Marco importante para a medicina e destacado pelo autor supracitado é que os médicos irão começar a considerar como problema o álcool e não “o mau bebedor” a partir do final do século XIX. Nas primeiras décadas do século XX, a medicina toma legitimidade social e não abrirá mão de perceber o problema das drogas como uma



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

questão médica (FIORE, 2005). Muito embora mesmo entre os segmentos sociais haja diferenças folclóricas e pitorescas com relação à bebida.

Quando a cachaça era bebida de negro (e subia a cabeça...), dizia-se embriaguez, bebedeira, mona, porre, pifão, puxando-um-fogo e que tais. Estes designativos que menosprezam o alcoólatra da cachaça, com a entrada dos brancos no cordão da “branquinha” tudo se modificou: uma dose de cachaça é uma “batida”; um porre de cachaça é uma crise etílica passageira; um cálice de cachaça na mesa de um bar chique chama-se abrideira; um coquetel à base de cachaça antes de um jantar chique chama-se aperitivo. (CARVALHO apud ALGRANTI, 2005, p.90).

Essas diferenças não estiveram presentes somente nos primórdios da história de nosso país, elas ainda estão estampadas nas mais diversas propagandas de bebidas alcoólicas veiculadas pela mídia. Basta assistir a um capítulo de novela que distinguimos quem bebe o que e quem é reprimido por tal atitude. Apenas muito recentemente é que se começaram a desvelar os abusos que acometem as pessoas de melhor situação econômica. Em estudo desenvolvido pelo PROAD (Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes) e pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) com adolescentes de 14 a 19 anos, estudantes de escolas particulares voltadas para as classes A e B de São Paulo, Brasília e Campinas foi constatado que um quarto dos adolescentes, ou como sugere o título da matéria, “25% dos jovens da elite”, mantém um padrão de consumo de álcool considerado de risco pela OMS (MENA, 2006).

Um outro dado apontado na pesquisa supracitada é que, entre aqueles que têm vida sexual ativa (cerca de 70%), só 30% faz uso sistemático de camisinha. Ainda consideram os pesquisadores que entre um dado e outro, há um agravante: os adolescentes que bebem com alguma regularidade (65% deles) tiveram uma média



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

de quatro parceiros sexuais diferentes nos seis meses que antecederam a pesquisa. Alguns tiveram até oito parceiros no período.

Embora estudos como estes sejam muito recentes e as representações que temos de alcoolistas ou de uma vida considerada “desregrada” estejam muito relacionadas a pessoas pobres, confirma-se a cada dia, que este é um problema que atinge todos os segmentos sociais.

Muito além de qualquer tipo de discriminação relacionada à cor, etnia ou posição sócio-econômica, a representação que temos de alcoolismo e do alcoolista perpassa nossa maneira de enxergar as pessoas. “Enxergar com olhos de ver”, pois o amigo que parece engraçado e nos diverte quando bebe pode ser apenas o amigo engraçado que bebeu um pouquinho a mais ou pode ser o amigo que esteja precisando de uma ajuda profissional especializada. Não tenho a pretensão de um discurso moralista ou preconceituoso, mas encarar o alcoolismo como doença passível de tratamento e cuidado é mais do que a busca de um conceito, é a preocupação individual e social diante dos índices de jovens envolvidos em acidentes e mortes por desconhecerem ou desconsiderarem os efeitos provocados pelo uso abusivo do álcool.

De acordo com a OMS, alcoolista é o portador da síndrome de dependência do álcool, alguém que precisa de ajuda para melhorar sua saúde. Além disso, o alcoolismo é considerado uma doença universal que pode acometer qualquer pessoa independentemente de sua condição étnica, social ou econômica e que pode entrar em nossas vidas também pelos apelos indiscriminados e sutis da indústria televisiva com suas criativas e chamativas propagandas que interpelam o sujeito a consumir sem lhe dar ao menos o tempo para a reflexão ou escolha. Mas estes são outros aspectos que merecem uma atenção e um estudo mais específico.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

REFERÊNCIAS

- ALGRANTI, Leila Mezan. Aguardente de cana e outras aguardentes: por uma história da produção e do consumo de licores na América portuguesa. In: VENÂNCIO, Renato Pinto, CARNEIRO, Henrique (org.). **Álcool e drogas na história do Brasil**. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUCMinas, 2005. p. 71-92.
- ARRUDA, José Jobson. **Toda a história**: história geral e história do Brasil. São Paulo: Ática, 1995.
- BAUER, Jan. Quadro médico e modelos teóricos. In: _____. **O alcoolismo e as mulheres**: contexto e psicologia. trad. Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Cultrix, 1982.
- BÍBLIA. Português. 1996. **A Bíblia**: antigo testamento e novo testamento. Tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1996.
- CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS. [CEBRID]. **Bebidas alcoólicas**. Disponível em http://www.cebrid.epm.br/folhetos/alcool_.htm. Acesso em 16 out. 2005.
- D'ONÓFRIO, Salvatore. *Literatura grega*. In: _____. **Literatura ocidental**. São Paulo: Ática, 1990. p. 27-57.
- EYMERICH, Nicolau. *Manual dos inquisidores*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos; Brasília: UnB, 1993.
- ESCOHOTADO, Antonio. **Aprendiendo de las drogas**: usos y abusos, prejuicios y desafios. 11ª ed. Barcelona: Anagrama, 1995.
- _____. **Historia general de las drogas**. 7ª ed. revista e ampliada. Vol. 1. Madrid: Alianza, 1998.
- _____. **Historia elemental de las drogas**. 2ª ed. Barcelona: Anagrama, 2003.
- FIORE, Maurício. A medicalização da questão do uso de drogas no Brasil: reflexões acerca de debates institucionais e jurídicos. In: VENÂNCIO, Renato Pinto, CARNEIRO, Henrique (org.). **Álcool e drogas na história do Brasil**. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: PUCMinas, 2005. p. 257-90.
- FORTES, J. R. Albuquerque. História do alcoolismo. In: FORTES, J. R. Albuquerque, CARDO, Walter Nelson. **Alcoolismo**: diagnóstico e tratamento. São Paulo: Sarvier, 1991. p. 1-10.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. V. 2. 10ª ed. São Paulo: Graal, 2003.
- KALINA, Eduardo. Drogadição II. In: KALINA, Eduardo et al. **Drogadição hoje**: indivíduo, família e sociedade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.



ISSN: 2175-5493

VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

LAPATE, Vagner. **Hora Zero**: a independência das drogas – antes que os problemas cheguem. São Paulo: Scortecci, 2001.

MENA, Fernanda. **25% dos jovens da elite bebem em excesso**. Disponível em <http://www.alcoolismo.com.br>. Acesso em 02 dez. 2006.

MILAN, James R.; KETCHAM, Katherine. **Alcoolismo**: mitos e realidade. São Paulo: Nobel, 1986.

RUBENS DA MANGUEIRA. **Ô Isaura**. BMG Publishing Brasil, 1998.

STANDAGE, Tom. **História do mundo em 6 copos**. trad. Antônio Braga. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SILVA, Vilma Aparecida, MATTOS, Hécio Fernandes. Os jovens são mais vulneráveis às drogas? In: PINSKY, Ilana, BESSA, Marco Antonio (org.). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 31-44.